

Daniel Piza

Leituras da Natureza



BIBLIOTECA VIRTUAL **ECOFUTURO**

Há muito tempo a literatura nos alerta para os problemas na relação com a natureza

e com os outros seres humanos, para a necessidade de não se deixar iludir e se acomodar por um estilo de vida que em médio e longo prazo pode ter um custo insanável. Como é da vocação da arte, isso não significa apontar soluções ideais, mas diagnosticar as questões e esperar que, com isso, os leitores ampliem sua consciência do mundo. Arte é partilhar experiências, renovando nossas percepções, e não fazer panfleto ou encobrir dificuldades. Daí mesmo vem sua importância ao longo dos tempos. Hoje, com o planeta em seus limites, ela é maior ainda.

I.

Alguns dos melhores livros sobre o que o biólogo Thomas Huxley chamou de “o lugar do homem na natureza” são, curiosamente, tratados como clássicos infantis. Em realidade, são obras-primas da humanidade, que devem ser lidas por crianças e adultos, por seu poder de transcender o lugar e o tempo em que foram escritas e atingir leitores de todas as pátrias e épocas. Pense em *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, por exemplo. Esse foi um romance que veio romper com as histórias sentimentais e fantasiosas que dominavam o gênero. Criou um personagem realista e enxertou em sua história implicações morais e filosóficas de porte.

Crusoe é um náufrago, um ser da chamada “civilização” que se vê de repente solitário e obrigado a tirar da natureza em estado bruto tudo de que necessita. Planta, organiza um calendário, cria cabras, faz ferramentas com pedra e madeira, lê a Bíblia e se converte. Aos poucos, porém, vê que não lhe basta suprir as necessidades. Sente falta do ambiente social, dos outros. É então que aparecem alguns canibais – que ele, apesar de horrorizado, não se julga no direito de matar, e ganha um companheiro, Sexta-Feira, a quem ensina a ler e crer. Mais tarde, será com ele que voltará a Londres, onde encontrará mortos todos os familiares. Por mais que sua voz soe imperialista e escravista, Crusoe ficou no imaginário mundial pela força de sua situação e pela maneira como reage a ela, plena de detalhes práticos. Defoe captou a dependência inerente a qualquer indivíduo para com seu contexto social, por mais isolado que se pretenda.

Outro livro normalmente tratado como infanto-juvenil, e com muitos pontos em comum, é *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. Se Defoe é realista e otimista até certo ponto,

Swift lança mão da fantasia para satirizar a humanidade – em suas próprias palavras, “para envergonhá-la mais que para divertí-la”. Mas o livro é uma grande diversão. Gulliver é outro viajante e náufrago, mas aporta em países curiosos habitados por criaturas minúsculas (Liliput) ou gigantes (Brobdingnag) e termina na terra em que os cavalos desprezam os homens. Na visão de Swift, a espécie humana tem apenas uma aparência de racionalidade e a usa para reforçar os vícios de sua natureza. Outros animais são muito menos nocivos e autodestrutivos que o homem. No entanto, a engenhosidade do estilo de Swift parece nos lembrar do potencial humano, não apenas de seus erros.

Nos Estados Unidos também tivemos exemplos de obras que mostram o contato e o atrito do homem com a natureza e foram tomadas como clássicos para o público jovem. Uma obra poderosa é *Moby Dick* (1851), de Herman Melville. Acompanhamos a história – baseada em fatos reais – de dois marinheiros, Ishmael e o capitão Ahab, a bordo de uma baleeira. Ahab perdeu uma perna num ataque da baleia branca e quer revanche. Desde então, os críticos debatem se a baleia é símbolo de algo mais, desde Deus até o branco do papel (que assusta e fascina o escritor), mas o fato é que estamos diante da luta de um grupo de indivíduos contra uma natureza difícil de domar e, sobretudo, de compreender. Melville foi muito influenciado por relatos de viagem de naturalistas como o próprio Charles Darwin, e sua história rica em reflexões



e alusões é um lembrete de que a pretensão de controlar a natureza é que deveria ser controlada.

Outro romance que influenciou gerações, *Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain, é um relato ao mesmo tempo lírico e crítico que se passa ao longo do rio Mississippi. Vemos tudo pelos olhos do garoto Huck, numa linguagem coloquial e colorida, que viaja com o ex-escravo de seu amigo Tom Sawyer, chamado Jim, e depois com o próprio Tom. Huck quer fugir de seus tutores, que dizem querer “civilizá-lo”, mas, na verdade, querem aprisioná-lo. Descer o rio é correr o risco e colher os frutos da liberdade, da expressão de sua individualidade em seus aspectos emocionais e intelectuais. Em Twain, a natureza pode ser amiga ou inimiga: o que importa é não virar as costas para ela nem supor que já a domina. Huck não aceita as amarras de uma sociedade que só vê a natureza ora como adversária, ora como utilitária. E segue viajando.

Com Joseph Conrad, sobretudo em *O coração das trevas* (1902), a natureza vai ganhar outras dimensões. Seus marinheiros – como os de Edgar Allan Poe em *Arthur Gordon Pym* – estão sempre enfrentando tempestades e desesperos, e ao mesmo tempo não sabem viver de outra forma. Para o escritor polonês, ser jovem e estar no mar era uma experiência insubstituível. Em *O coração das trevas*, que ele escreveu depois de uma viagem pelo rio Congo, na época dominado pelo imperialismo belga, ele reflete sobre a cobiça humana na figura de um colecionador, Kurz, que o narrador, Marlow, tem a missão de encontrar no meio da selva. Kurz, que seria um representante da civilização – músico, pintor, “gênio universal” segundo os amigos –, entre os bárbaros descobre a barbárie em si mesmo e se torna um homem ainda mais cruel e violento. Não foi por acaso que Francis Ford Coppola usou esse romance como base do filme *Apocalypse now*, que mostra a ignorância dos invasores da floresta durante a Guerra do Vietnã.

Todos esses temas são retrabalhados por Ernest Hemingway em *O velho e o mar* (1952), uma novela de muito sucesso. Santiago é um pescador decadente que há mais de 80 dias não pega um peixe e vê um marlim. Ele o pesca, mas, enquanto tenta puxá-lo, como o sangue sai na água, tubarões chegam para comê-lo. Santiago ainda luta e consegue levar o esqueleto para terra firme, mas o sabor da história é ambíguo: ao mesmo tempo que admiramos sua fibra, sua vontade de ainda fazer alguma façanha apesar da idade, partilhamos sua tristeza com as desventuras da pescaria. O livro mostra bem o Hemingway do final da vida, quando já não era o mesmo valentão que via a natureza como esporte e ilustra bem as cadeias alimentares e sua teia de relações intrincadas.

A literatura brasileira também é rica em obras que mostram o ser humano no fulcro da natureza, num embate que termina revelando muito sobre sua própria interioridade. *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, muitas vezes é lido como uma espécie de denúncia ou mero retrato dos retirantes, dos sertanejos obrigados a fugir da seca e migrar para as cidades em busca de sobrevivência. Mas, assim como em seus outros livros, o ambiente é parte integrante da situação dramática. É comum que seus personagens tenham a vista turvada pelo calor, como se a eles não fosse dado o direito de enxergar com nitidez e amplitude – e nesse aspecto se parecem com as figuras existencialistas de um Albert Camus (como *O estrangeiro* no deserto de Marrocos). Diante da natureza difícil, o ser humano se revela ainda mais cruel ou estúpido, inimigo da solidariedade.

Na verdade, quem iniciou essa linhagem foi um livro de não-ficção, *Os sertões* (1902, mesmo ano do livro de Conrad), de Euclides da Cunha. Ele era um engenheiro e jornalista fortemente formado pelo positivismo quando foi cobrir a Guerra de Canudos. Lá, esperava que o Exército, ao qual pertencera, fosse simplesmente coagir uma revolta de “fanáticos” contra a República. E o que viu, ao final, foi um massacre sem igual

dos sertanejos, perpetrado por uma série de brutalidades e burrices. Euclides, então, denunciou o desconhecimento do Brasil e de seus ecossistemas, o que também faria mais tarde na Amazônia.

Guimarães Rosa, na obra-prima *Grande sertão: veredas* (1956), não deixou de fazer uma releitura de *Os sertões*. Só que ele dá voz aos sertanejos, captando sua prosódia e a enriquecendo de uma inventividade linguística insuperável, tanto no ritmo como na sintaxe. Sua história parece uma tragédia mítica: Riobaldo não sabe a identidade da pessoa que ama; Diadorim não pode revelar, por seu dever filial. Eles vivem num mundo em guerra, entre tropas oficiais e bandos de jagunços, e muitas vezes as letras e as violências andam juntas. A natureza aparece em seu aspecto real, com todas as geografias do sertão mineiro (do rio São Francisco ao semiárido na fronteira com a Bahia), e em seu aspecto fabular, como espaço de lendas, do conflito com o diabo, de forças ocultas.

Outro livro em que velho e mar se embatem, mas à moda baiana, é *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* (1961), de Jorge Amado. Quincas é um funcionário público que cai no

alcooolismo e é marginalizado pelos familiares. Quando morre, seu funeral vira uma festa de bêbados, que decidem levar o morto-vivo para passear no mar, e ele termina engolfado por uma grande onda. Para uns, foi suicídio; para outros, afogamento. Ao flertar com o realismo fantástico, Amado mostrou que a natureza é sempre o lugar do imprevisível e do metafórico, e essa novela remete a muitos outros textos em que retratou pescadores e sua luta com o mar.

A natureza também faz presença em livros que, a rigor, são muito econômicos em descrições de sua fauna e flora. É o caso de *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, que conta a história dos gêmeos Yaqub e Omar, que têm personalidades distintas e seguem caminhos aparentemente opostos. Um é o cidadão bem-sucedido, que vai estudar e enriquecer no Sudeste, e o outro é o desregrado, o sedutor, que se perde nas noites de Manaus. Numa das grandes cenas, este é resgatado do porto pela própria mãe. Sem que Hatoum precise dar muitos detalhes, sentimos a força da floresta e dos rios amazônicos, o peso que ela significa naqueles destinos. Em *Órfãos do Eldorado*, Hatoum foi também aos mitos da região, como o de que a cidade encantada estaria no fundo do rio.



Mas não é apenas na descrição da natureza e de suas sugestões míticas ou metafóricas que a literatura de ficção aborda temas essenciais para a vida em coletividade e suas consequências sobre o futuro do planeta. Como Freud sabia, os livros e as artes são uma fonte inesgotável de reflexões sobre o comportamento humano, sobre as formas de combinar liberdade e responsabilidade.

II.



O romance *Notas do subterrâneo* (1864), de Dostoiévski, é exemplo de como a natureza humana não é uma esfera fechada: o protagonista busca o isolamento total, como Crusóe, mas percebe que não existe autossuficiência plena; percebe, mais ainda, que não só os outros existem, como estão dentro de nós mesmos, absorvidos em suas falas, gestos e valores. Não somos meras máquinas fisiológicas, necessitadas apenas de instrumentos de sobrevivência; desde que nascemos assimilamos uma cultura, modos de agir e ser. Logo, não podemos pensar em nós mesmos sem pensar em nossa história e contexto.

Toda uma descendência de grandes romances veio de Dostoiévski, autor também de obras-primas como *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamazov*. É aquela corrente da literatura moderna que dá peso extremo à voz interior, vista como

um feixe de outras vozes, muitas vezes com uma angústia que se traduz na vontade de se ver de fora como os outros nos veem, tarefa impossível de realizar em sua plenitude. Na realidade, tudo começa com Shakespeare, especialmente em Hamlet, pai de todos os protagonistas agoniados da ficção ocidental. Hamlet quer saber a verdade sobre uma morte que afeta suas relações mais viscerais, a do pai, que teria sido assassinado pelo tio em conluio com a mãe. Essa revolta mexe com ele de um modo que está além das forças da razão e das palavras – e, no entanto, sem essa força ele jamais poderia expressá-la e transformá-la numa série de atitudes que tentam desmascarar os fatos.

Se lemos um clássico modernista como *A metamorfose* (1922), de Kafka, não vemos outra questão senão essa. Gregor Samsa se transforma num inseto porque assim se sente diante da indiferença dos que o cercam, da mistura de incompreensão e repressão que sofre, e é apenas quando escuta um violino produzir música que tem uma sensação de voltar à vida, à mobilidade, à humanidade. Como em toda obra de Kafka, seu desassossego vem da carência que é inerente à condição humana (“desde que mamamos pela primeira vez”, acrescentaria Freud). Em sua *Carta ao pai*, por sinal, ele diz com todas as letras que, mesmo que ele estivesse 100% certo sobre as decisões tomadas a respeito de seu filho, ainda assim estaria errado em querer tomá-las por ele. É apenas quando respeitamos a individualidade do outro que podemos aprender a cuidar dele, a compreender seus desejos em vez de rotulá-los ou castrá-los de antemão.

Outro escritor que descende de Shakespeare e Dostoiévski é o brasileiro Machado de Assis, que em *Dom Casmurro* (1900) criou outro ser ensimesmado, incapaz de lidar com seus próprios fracassos. Bento, o futuro Casmurro, é um adolescente emocional, sem equipamento para a maturidade, que se ressentia da relação com a esposa e, mais

importante do que sugerir a infidelidade dela, demonstra sua própria vaidade, que o cegou para os outros. Mimado por privilégios e preconceitos, ele nem sequer entende sua posição na sociedade; vive alienado a sonhos de felicidade total e aceitação geral – e qualquer coisa menos que isso o tortura. Já em *O alienista*, Machado mostra como a ciência se confunde com uma seita ao querer decretar o que é loucura e o que não é, presumindo um conhecimento da psicologia que estamos longe de ter alcançado.

Há outra linhagem da ficção que, apesar de também criar personagens com essa riqueza interior, se dedica a traçar grandes painéis da sociedade de sua época, mostrando como o indivíduo não é dono exclusivo de seu destino. Todos fazemos parte de um contexto que dificilmente conhecemos a fundo, e por isso nossos atos têm consequências das quais não podemos fugir. Muitos males são causados por essa ignorância dos outros, visível em preconceitos como os de etnia, origem, sexualidade e classe social. Quando os indivíduos não se veem pertencentes à rede que tece todas as relações em uma sociedade, mas apenas a um grupo ao qual atribui direitos singulares, estão prontos para o preconceito, explícito ou velado.

Alguns livros fundamentais dessa tradição, entre tantos outros que poderiam ser citados, são os de autores como o inglês Charles Dickens e o francês Honoré de Balzac. Ambos são capazes de descrever seus semelhantes com uma profundidade que inclui tanto o senso crítico como a paixão. Em *Nicholas Nickleby* (1839) e *David Copperfield* (1850), por exemplo, Dickens registra as durezas e as dores de crianças que são criadas em orfanatos, como ele mesmo foi. Seus personagens são muito vivos para os leitores não apenas porque parecem reais, mas porque parecem embutir nossos próprios anseios de proteção e estímulo. Sociedade que não zela por suas crianças não zela por si mesma.

Balzac fala de outros universos, não do infantil. Mas um livro como *Ilusões perdidas* (1843) é uma das mais poderosas descrições de um homem dividido entre seu círculo familiar e aquele que escolheu para viver, o círculo literário. Lucien de Rebempré chega da província e enfrenta as sofisticadas e os preconceitos de Paris, sem jamais conseguir abstrair o que a infância imprimiu em sua natureza individual. Balzac retrata aquela sociedade em todas as suas facetas, sem apelar ao tradicionalismo nem ceder ao otimismo. A inclinação humana para se iludir com o futuro e se eximir das culpas é mostrada de um modo inesquecível.

Alguns dos maiores escritores foram ainda mais longe e retrataram indivíduos não apenas em seu contexto social, mas também no de um período histórico determinante. É o caso do francês Stendhal e do russo Tolstói, entre outros. Em *O vermelho e o negro* (1830), Stendhal narra a ascensão social e os casos amorosos de Julien Sorel no pano de fundo das guerras napoleônicas, e essa realidade política termina por afetar sua vida pessoal, por caminhos inesperados.

Em *Guerra e paz* (1869), Tolstói também narra as idas e vindas de seus personagens em meio aos conflitos de Napoleão. Cinco famílias da aristocracia russa veem sua vida se transformar para além de qualquer possibilidade de controle, e Tolstói põe reflexões memoráveis na voz de personagens como o conde Bezukhov e o príncipe An-

drei sobre a pequenez do homem em face do curso da história.

Muitos outros romances poderiam ser lembrados. Os romances de Jane Austen, como *Persuasão* (1818), mostram o doloroso papel da mulher numa sociedade de casamentos arranjados e sentimentos programados. Flaubert seguiu os passos de Balzac e Stendhal em obras-primas como *Madame Bovary* (1857), que causou escândalo por sua mulher que sente prazer no adultério, e *Educação sentimental* (1869), vasto painel da burguesia francesa e suas sutis armações.

Esses romances sociais do século XIX tiveram muitos herdeiros no século seguinte. Marcel Proust, com *Em busca do tempo perdido*, e James Joyce, com *Ulisses*, ambos do mesmo ano que *A metamorfose*, 1922, captaram na verdade a dissolução daquela velha ordem e, para isso, precisaram reinventar a linguagem narrativa. Proust fez um amplo panorama da sociedade da Belle Époque e das fissuras por baixo de suas glamorosas aparências; para tanto, recorreu a um estilo ondulatório, que mostra o indivíduo em busca de uma visão abrangente que nunca chega. Joyce mostra o mesmo em sua linguagem fragmentada, instável, múltipla, que narra um dia na vida de um irlandês. Ambos levaram ao extremo o monólogo dostoievskiano, mostrando que no interior da mente há as mais diversas vozes e lembranças desconexas. O homem pós-renascentista, que se supunha onisciente, estava morto.



III.

O que é o conhecimento? O que a natureza nos ensina? Qual é nosso papel na sociedade? Mas os livros de ciência e os relatos de viagem, que têm ganhado muito espaço e força nos últimos anos, merecem destaque quando se trata de entender o diálogo entre a humanidade e o meio ambiente.

A leitura de e sobre Darwin, ao contrário do que muitos ainda pensam, não traz desencanto ou descrença, mas um senso aguçado das maravilhas que a natureza nos reserva. Começando por suas próprias obras, o *Diário de viagem do Beagle* (1839) e *A origem das espécies* (1859) proporcionam horas de prazer com suas descrições e hipóteses a respeito do funcionamento de organismos e da evolução natural. Ele comunica seu próprio encanto com o fato, por exemplo, de que fetos de espécies tão distintas sejam tão parecidos. Ao mesmo tempo que nos mostra como é intrincada a rede de relações entre os seres vivos, a complexidade histórica dos ecossistemas, ele também aponta para sua simplicidade,

para os padrões que se repetem nas diversas graduações da teia natural. Sua escrita trabalha como a de um romance – pouco a pouco acumulando informações perspicazes até nos situar dentro de um vasto painel de figuras e fundos.

Livros sobre suas descobertas podem ser igualmente atraentes. Thomas Huxley, citado acima, foi um grande estilista e uniu contundência e sedução para divulgar o pensamento de Darwin em seus ensaios. Um de seus maiores herdeiros, senão o maior, foi o biólogo inglês Stephen Jay Gould, que em livros como *Darwin e os grandes enigmas da vida* (1979) explicou e atualizou o conceito de evolução. O mesmo foi feito recentemente pelo polêmico Richard Dawkins, em *O maior espetáculo da Terra* (2009), em que se esforça não para combater a religião, mas para descrever a beleza de uma natureza sempre em mutação.

A literatura científica tem tido grandes autores, principalmente dos anos 1970 para cá, como Carl Sagan e Isaac Asimov, que se tornaram muito populares sem fazer nenhuma concessão ou imprecisão. Nos últimos anos, essa tendência tem se expandido para a questão do ambientalismo, sobretudo do ponto de vista de geógrafos ou biogeógrafos. O maior deles se chama Jared Diamond, que, entre outros, escreveu um grande livro, *Colapso* (2004), para mostrar com exemplos históricos que a civilização se autocondena justamente em seus períodos de auge, quando abusa dos recursos naturais que constituíram sua riqueza. Dos maias aos chineses, passando por europeus e pela Ilha de Páscoa, ele nos leva a um passeio por épocas e lugares em que o ser humano esqueceu de cuidar do ambiente – e, ao fazer isso, terminou cuidando mal de si mesmo.

Algumas descrições da nossa história com a natureza que nos cerca aparecem em grande estilo na obra de escritores de viagem ou jornalistas literários. Quem não leu ou ao

menos não sabe do sucesso de um livro como *No ar rarefeito* (1999), de Jon Krakauer, um relato de sua escalada no Himalaia? Como um ficcionista, ele nos transporta para sua experiência pessoal e nos deixa pensando sobre nossa pequenez diante da escala de tempo e tamanho das formas naturais. A sensação não é muito diferente quando lemos *No coração do mar* (2000), de Nathaniel Philbrick, sobre – ora, veja só – a caça às baleias na ilha de Nantucket, a qual foi a base para Herman Melville criar o enredo de *Moby Dick*.

Algumas paisagens, com os dilemas humanos nela envolvidos, acabam sendo associadas a autores que enfrentaram o desafio de descrevê-las. Não se fala na Patagônia sem pensar automaticamente em Bruce Chatwin, autor de *Na Patagônia* (1977), em que narra sua viagem por aqueles espaços vazios e ventados que exercem um papel forte no imaginário do mundo todo. O mesmo vale para a Sibéria, na Rússia, que o escritor Paul Theroux registrou como poucos em *O grande bazar ferroviário* (1975). Viajamos ao lado dele no trem que corta o inóspito e pode mudar uma vida. Se você quiser saber da África, não pode ficar sem ler *Ébano* (1998), do controverso mas brilhante jornalista Ryszard Kapuscinski.

Uma lista de livros escritos por cientistas, capazes de nos deixar mais alertas para a necessidade de zelar pelo ambiente e pelo desenvolvimento humano, também incluiria biografias e memórias. Biografias como *Newton* (2003), de James Gleick, e *Einstein* (1982), de Abraham Pais, reforçam nossa percepção de que a natureza é sempre maior e mais sutil do que nossos sistemas fechados, feitos de certezas em vez de aproximações. E o que dizer de uma memória como *É isto um homem?* (1959), do químico Primo Levi, que narrou sua vida num campo de concentração? Nenhum ser pode ser tão desumano quanto o próprio homem.

Também o mundo mental, o mundo das sensações interiores,

que a ficção tanto vem captando ao longo dos tempos – também ele encontra paralelos na produção de cientistas modernos. A neurologia, principalmente a partir dos anos 1990, chamados de “a década do cérebro”, avançou muito em nosso conhecimento dos circuitos mentais. São muitos os escritores no gênero, desde precursores como Oliver Sacks – cujos relatos de doentes podem ser lidos com o sabor de contos – até os polêmicos como Steven Pinker, que entra no terreno da psicologia e da moral.

Mais dois exemplos são suficientes. Em *fantasmas do cérebro* (1998), o médico indiano V.S. Ramachandran narra casos de pacientes que perderam membros e continuaram tendo a sensação de que eles ainda estariam lá. E fala sobre uma das maiores descobertas recentes, a de um grupo de neurônios chamados “neurônios-espelho”, responsáveis pelo aprendizado via imitação – uma característica profunda da natureza humana. Dostoiévski ficaria curioso. Em *O mistério da consciência* (1999), o neurologista português Antonio Damásio, que cada vez mais se aproxima da filosofia e das artes, mostra o poder autorregulador dos sentimentos e das emoções, que muitas vezes não passam pela consciência de modo explícito, mas são fundamentais para ela. Proust leria.

Esse conjunto de narrativas listadas e brevemente comentadas pode ter grande utilidade para que adultos e crianças, professores e alunos, debatam saudavelmente sobre o papel do homem na natureza e seu papel como parte de uma sociedade. Mais importante ainda, para que percebam que esses papéis são inseparáveis, mutuamente dependentes. Compreendendo melhor a natureza, respeitando sua riqueza em todos os sentidos da palavra, a humanidade compreenderá melhor a si mesma; em consequência, compreenderá cada vez mais que o destino de um e o destino de todos se influenciam em múltiplas camadas.

Ao nos colocarmos na pele dos outros, como a literatura permite, nos colocamos sob a cobertura da natureza — e quem sabe nos tornemos mais conscientes de que...

... a sustentabilidade
beneficia a todos.

Não existe cuidado sem troca.

Daniel Piza

Estudou Direito no Largo de São Francisco (USP), começou sua carreira de jornalista em *O Estado de S. Paulo* (1991-1992), do qual foi repórter do *Caderno 2* e editor assistente do *Cultura*. Trabalhou em seguida na *Folha de S. Paulo* (1992-1995) como redator, repórter e editor assistente da *Ilustrada*, cobrindo especialmente as áreas de livros e artes plásticas. Foi editor e colunista do caderno *Fim de Semana* da *Gazeta Mercantil* (1995-2000) e do *Estado* (2000-2011). Colaborou com as revistas *Bravo!*, *Entre livros* e *Continente Multicultural*, entre outras. Traduziu 8 livros, de autores como Herman Melville e Henry James, e organizou 6 outros, nas áreas de jornalismo cultural e literatura brasileira. Publicou 13 livros. Escreveu também o roteiro do documentário *São Paulo – retratos do mundo*. Eis alguns de seus livros: *Mundois* (livro Infantil), *Jornalismo cultural*, *Machado de Assis – um gênio brasileiro*, *Leituras do Brasil*.



REALIZAÇÃO

INSTITUTO
ECOFUTURO

www.ecofuturo.org.br